

Abstract: Partindo do contraste entre o pássaro que canta, tranqüilo, num galho de árvore ao lado de uma cachoeira que despenca, o autor propõe-se refletir sobre o significado da paz no mundo de hoje, “no meio da confusão”. Neste início do terceiro milênio, de incríveis avanços tecnológicos, mas ainda dominado pelo patriarcalismo e uma série de outros “ismos”, sentimos que os combustíveis fósseis começam a escassear, como escasseia também a própria água. Os paradigmas vão rapidamente mudando, ameaçando as idéias, valores, sistemas, que pareciam intocáveis. Nesse contexto, é iluminadora a palavra de Jesus: Não se perturbe o vosso coração, a minha paz vos dou... E essa “paz” que o Cristo nos dá é, segundo o que deduzimos, a própria vida do Senhor, vivida no meio dos desafios, no cumprimento da vontade do Pai, que “trabalha até agora” e que impele a que, também nós, trabalhemos.

The starting point is the contrast between the bird singing in the tree beside a noisy waterfall which leads to one's think about the meaning of peace in the world amidst confusion. At the beginning of the third millennium and the birth of amazing new technologies in spite of backward influences from bygone ages, we are aware of the steady diminishing source of fuel and layers of needed minerals for industry not to mention the necessary supply of water. In the realm of transcendental categories there are major changes in values and systematics which previously were thought to be untouchable. Thus the word of Christ about our hearts to remain confident and free of worry is the result of peace which God alone is going to give to those who continue to be united with him and are faithful in the fulfilment of God's will.

Paz no meio da confusão

*Joãozinho Thomás**

* Joãozinho Thomás, Pastor da Igreja Presbiteriana Unida – Vitória, ES.



Ouvi uma história, muitos anos atrás, e nunca me esqueci dela. Acho que foi inventada, mas serve para falar deste tema: paz no meio da confusão. Conto o conto sem querer aumentar (e nem diminuir) nenhum ponto. Mas como a história é antiga, não garanto não ter mudado alguma coisa. Assim vai, como penso que ouvi.

Houve um concurso de pintura e muitos artistas, alguns até famosos, se candidataram com seus trabalhos. O tema era paz, mas o modo de expressá-lo era livre. Deveria ficar claro, com o uso de tintas, o que pensavam sobre a paz. Depois das telas prontas, a vencedora foi a que apresentou maior originalidade. Via-se uma cachoeira e, pela pintura, percebia-se o entrechoque da água: podia-se sentir o barulho daquela imensidão de água se jogando no espaço e batendo nas pedras. Tudo representava perigo, dificuldade, medo. Num canto do quadro, o pintor colocou um galho de árvore, nele um pássaro com o bico aberto, como cantando no meio daquele barulho todo. A paz estava naquele minúsculo pássaro, num frágil galho de árvore, indiferente ao perigo da enorme queda de água.

Assim me contaram a história. Parece uma dessas histórias para ilustrar sermão, mas fica assim mesmo. O fato é que todas as vezes que me perguntam sobre o que é paz, lembro do pássaro e da queda de água. Mas – sempre existe um mas – li anos atrás, numa revista, a pergunta feita por um repórter e a resposta dada por um jovem vietnamita: “O que é paz?” Respondeu o jovem: “Não sei, pois quando nasci meu país já estava em guerra.”

Façamos logo uma afirmação até meio estranha: a paz não é o oposto de guerra, nem o contrário de luta, não é imobilidade no meio do movimento. Antes, é o saber viver no meio da dificuldade, encontrar o caminho quando as estradas são muitas, é ser capaz de ver o futuro no hoje. Por isso, tenho medo de combinar piedade com paz, pietismo com pacifismo, imobilismo com tranquilidade. Vivemos um tempo de grande confusão, e buscar a paz nesta época é uma tarefa desafiadora. A solidão pode não trazer paz, mas desespero.

Transição

Basta estudar um pouco da história do mundo para perceber que as lutas se sucederam, que as guerras atingiram povos antigos e modernos, que as tragédias estiveram sempre presentes. Não há dúvida de que estamos atualmente numa época muito confusa, em que velhos padrões estão sendo



desafiados. As perguntas se sucedem diante dos sistemas políticos, econômicos, sociais, religiosos, pois todos eles estão sendo alterados. O que vai sobrar desse redemoinho em que o mundo todo está colocado? Não há futurólogo capaz de dizer para onde vamos, pois nem sabemos o que queremos. Em momentos de transição, e estamos exatamente dentro de um desses, é comum perder o rumo. Pois é difícil precisar quais são os aspectos fundamentais que alteram a caminhada, quando tudo antes era explicável e fica mais difícil ainda perceber para onde nos levam os novos tempos. Os sinais estão invertidos, o mundo está de pernas para o ar, o corriqueiro não é mais conhecido. Como será a família dentro de alguns anos? E aquilo que hoje chamamos de “pátria” terá o mesmo sentido dentro deste mundo globalizado em que estamos? As atuais formas eclesiais agüentarão os embates que já estão acontecendo? E por aí vai.

Pouco mais de vinte anos atrás, Fritjof Capra escrevia: “Estou convicto de que hoje, nossa sociedade como um todo se encontra numa crise. Podemos ler acerca de suas numerosas manifestações todos os dias nos jornais: temos taxas elevadas de inflação e desemprego, temos uma crise energética, uma crise na assistência à saúde, poluição e outros desastres ambientais, uma onda crescente de violência e crimes, e assim por diante. A tese básica do presente livro é de que tudo isso são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise de percepção. Tal como a crise da física na década de 20, ela deriva do fato de estarmos tentando aplicar os conceitos de uma visão do mundo obsoleta - a visão do mundo mecanicista - a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos. Vivemos hoje um mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece”¹.

Estamos no século 21, no terceiro milênio da era cristã, e vários desafios estão diante da humanidade. Dentre eles, o mais importante não é o tecnológico em si, mas é saber o que se pode fazer com tanto conhecimento técnico-científico. Não se trata de algum poder imperialista no sentido político ou militar, embora existam algumas tentativas, mas, antes, se pensa no perigo do domínio da máquina sobre o ser humano.

¹ CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*, Ed. Cultrix, p. 14.



Fatores que mudam o contexto precisam ser vistos em momentos de transição como o que estamos vivendo. Alguns são perceptíveis facilmente. Particularmente estamos nos referindo ao patriarcalismo, o fim da energia fóssil, o desaparecimento da água potável e, sobretudo, a perda de paradigmas. Não há nenhuma ordem de preferência para os fatores indicados e, além desses, outros também podem ser lembrados. Eles se interligam e se reforçam (sobre isso, o livro citado acima já discorreu longamente).

O patriarcalismo precisa ser considerado com muito cuidado, pois o seu domínio se estendeu por mais de 3000 anos de história. Hoje se percebe que os sistemas filosóficos, sociais, religiosos, políticos e econômicos, estiveram sempre calcados no predomínio do homem sobre a mulher. Nesses sistemas, o “macho” determinava o papel que a “fêmea” deveria desempenhar. Era e é um sistema difícil de ser percebido, pois toda a estrutura intelectual, mesmo no Ocidente e muito mais no Oriente, foi formulada dentro dele. Só nos últimos tempos, mesmo com alguns exemplos edificantes anteriores, começou a mostrar os sinais de ruptura: nos últimos cem anos. A desintegração do patriarcalismo se torna cada vez mais evidente.

Podem-se dar exemplos desse “poder masculino”, mas nada é tão simbólico como o uso do véu por parte das mulheres no mundo islâmico. Azar Nafisi, autora de um livro que fala sobre a situação da mulher no Irã, numa entrevista publicada na revista *Veja* (julho de 2004), disse que o objetivo dos muçulmanos em cobrir o cabelo das mulheres é “o de eliminar a personalidade feminina. Ao colocar o véu, a mulher passa a fazer parte de uma massa padronizada, sem identidade. É uma forma de repressão psicológica.” A questão é complicada, pois a proibição do seu uso, bem como de qualquer outro sinal identificador de religião, pelo governo francês, está criando problemas muito sérios naquele país e mesmo fora dele. Esse mesmo sentido de domínio e de identificação aparece nos uniformes militares, escolares e até religiosos. A moda se tornou algo tão estranho, que a moda hoje é não ter moda. Os jovens se revoltam contra tudo aquilo que os amarra, e nesse desvencilhar-se dos padrões antigos ficam amarrados em novos sistemas.

O patriarcalismo não pode ser esquecido pelos leitores da Bíblia, já que esta surgiu dentro de um sistema patriarcal. O cristianismo também relegou a mulher a papéis subalternos, mas vem passando por crises sucessivas, sempre impedindo que elas obtenham os mesmos direitos dos homens nas organizações estruturais. Quer um exemplo? Qual é o feminino



de cardeal? e de padre? Não é mera questão de linguagem, mas uma problemática complexa que atravessa a história e a cultura herdada de séculos anteriores. As igrejas protestantes tradicionais também se recusam a aceitar mulheres na direção de suas comunidades. Uma dificuldade séria para uma interpretação não patriarcal da Bíblia é o fundamentalismo existente nas igrejas, uma forma de pensar que não admite mudanças, pois parte do princípio de que sempre se esteve certo. Ir contra a tradição é receber forte carga contrária, pois o argumento é de que nossos antepassados sempre estiveram certos. Além do mais, o fundamentalismo parte de uma interpretação literalista da Bíblia, rejeitando qualquer visão de contexto em que o texto surgiu.

Outra questão que não podemos deixar de lado é o fato de que chegamos ao fim do combustível fóssil, do mesmo modo como a Europa viu o fim da energia vegetal quando as florestas daquele continente desapareceram, devido à lenha consumida nos lares e, de modo simbólico, no aquecimento das termas romanas. Europeus não têm autoridade moral para condenar a destruição da Mata Atlântica, quando eles próprios destruíram a floresta que cobria o velho continente.

O carvão, o petróleo e o gás natural não são eternos e já começam a dar sinais de esgotamento. Os que mexem com esse assunto já marcam datas para o esgotamento das reservas fósseis que levaram séculos para se formar. A formação dessas reservas levou milhões de anos e o uso delas é tão antigo que já aparece no livro do Êxodo, onde se fala que o berço de Moisés foi betumado. A energia atômica é uma arma de dois gumes. Enquanto se pensa nela, também se pensa no perigo que traz. O combustível fóssil é limitado, como até a própria água potável tem o seu fim previsto. É hora de pensar no tempo que virá, pois, ou se cuida do que se tem ou se morre com o que não se tem.

Daí, lutas de todo tipo para dominar as ainda existentes reservas de combustíveis. A guerra no Iraque é um sinal claro dessa luta pelo domínio das reservas do produto. Mais do que uma questão política ou de segurança, é um problema econômico, uma questão de sobrevivência. Sempre se buscam razões para a violência e nós, brasileiros, temos de pensar se seremos capazes de defender a Amazônia, lugar tão estratégico para a sobrevivência dos seres humanos. Depois do Afeganistão, o Iraque; depois desse, o Irã; depois, será o Brasil?

A outra questão, a mais séria por sinal, é a mudança de paradigmas, algo não muito claro nas nossas mentes, pois está diretamente ligado às



formas culturais herdadas dos antepassados e faz parte da nossa própria realidade. O paradigma atual compreende certo número de idéias e valores que diferem muito daquele que dominava, por exemplo, na Idade Média ou na época em que os textos bíblicos foram escritos. Nem é preciso ir tão longe, pois basta pensar em tantas coisas que aceitamos e fazemos hoje, e que recusaríamos aceitar ou fazer vinte ou trinta anos atrás. Não se pode ler algo escrito em tempos que já vão longe, com os olhos de nossa época, pois sempre vemos o mundo pela cor dos óculos que usamos. Estamos cada vez mais conscientes de que todas as idéias e valores, que sempre defendemos, estão seriamente ameaçados. A crise é total, pois envolve os próprios sistemas políticos, econômicos, religiosos, sociais e até os ideológicos. O que fazer nesse mundo?

Perspectiva bíblica

Vejam os fatos de uma perspectiva bíblica. “*A minha paz vos dou*”. O capítulo 14 do evangelho de João engloba uma série de temas teológicos, mas um é recorrente em todo ele. Logo no primeiro verso está: “*Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim* (Jo 14,1).” A perturbação é um assunto para se pensar longas horas. Os apóstolos viviam uns momentos assim, pois o anúncio da traição, a partida de Judas, as claras palavras sobre a morte, tudo indicava que viviam momentos sérios e desafiadores. Pior! Nada podiam fazer. Perturbação é algo que atinge a humanidade como um todo, mas em certos momentos parece que os fatos se comprimem e vivemos totalmente inseguros. Segurança, uma palavra presente no nosso dia a dia, embora a palavra certa seja insegurança, pois o ter segurança é apenas esperança, não uma realidade.

Olhem os fatos passados. “*E, chegando o faraó, os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito. Então os filhos de Israel clamaram ao Senhor, e disseram a Moisés: Será por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito?*” (Ex 14,10-11). Profunda insegurança. De um lado as montanhas, na frente o mar, no outro o deserto, atrás as tropas do faraó. Para onde correr? Para onde ir? É difícil sentir toda a dramaticidade daquele momento, quando sabemos o fim da história. O que era paz naquele contexto? A expressão “fique calmo”, num contexto desses não tem sentido.



Vamos para outro texto. Dois homens se dizem profetas do Senhor, Ananias e Jeremias. O primeiro insiste numa paz próxima, com a volta dos exilados para a Palestina. Jeremias fala de um longo exílio: “*O profeta que profetizar paz, só ao cumprir-se a sua palavra será conhecido como profeta de fato enviado do Senhor.*” (Jr 28, 9) Como falar em paz se os exilados estavam distantes, os que se dizem profetas de Deus divergem completamente em suas mensagens, a liderança política não sabe o que fazer, e a miséria está dentro das portas da cidade? O que era paz nesse contexto?

O livro de Daniel retrata o século segundo antes de Cristo, diante das perseguições de Antíoco Epífanes IV, época em que o livro foi escrito. Para o israelita fiel às suas tradições, erguer um altar dedicado a Júpiter dentro do templo de Jerusalém já era uma terrível heresia, se outra maior ainda não fosse perpetrada, a de oferecer o sacrifício de um porco. O autor do livro de Daniel vive esse momento dramático da história de seu povo e vai buscar, nas várias histórias de um passado distante, exemplos para encontrar segurança nas promessas divinas. Como não pode escrever em linguagem clara, usa da forma apocalíptica, comum em todos os tempos de insegurança. Esse é um livro que pode ser chamado de “Apocalipse do Antigo Testamento”. Na oração interposta entre as visões percebe-se o drama do escritor: “Agora, pois, ó Deus nosso, ouve a oração do teu servo, e as suas súplicas, e sobre o teu santuário assolado faz resplandecer o teu rosto, por amor do Senhor.” (Dn 9,17) O que era paz nesse contexto? Era possível refugiar-se num templo profanado pelos poderes inimigos?

Um outro texto bíblico. Exatamente um que se lê apenas até o verso oito e o restante é esquecido. Refiro-me a Isaías 6. Como faz bem para o nosso ego a expressão do profeta: “Eis-me aqui, envia-me a mim.” Dentro do individualismo reinante e das pretensões humanas de ser o autor dos fatos, esta é uma afirmação muito interessante. No entanto, a mensagem dada ao profeta era criadora de problemas: “*Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, e o senhor afaste dela os homens e no meio da terra seja grande o desamparo*” (Is 6, 11-12). Cabia ao profeta trazer a mensagem de que haveria um julgamento sobre a terra, um processo de destruição do que, com tanto esforço, haviam construído. O que era paz nesse contexto?

Vamos para outro tempo, após o cristianismo já ter-se instalado plenamente no mundo ocidental. Até se diz que a situação dos primeiros cristãos era mais fácil do que os que viveram séculos depois, pois estes,



além dos problemas externos, ainda precisavam carregar o peso dos erros de um cristianismo que passara de perseguido para perseguidor. Conta-se muito sobre as virtudes de S. Francisco de Assis e elas existem, mas pouco se fala do duro tempo em que viveu, o final do século 12 e começo do 13. Ele era atraído para cuidar dos doentes, e os leprosos eram na época uma realidade muito mais forte do que é hoje. Não preciso descrever aqui as tristes condições sociais impostas pelo feudalismo, pela dura luta para se obter o alimento de cada dia, pelas injustas condições dos que estavam debaixo do poder do senhor feudal. Viviam bem? O próprio feudalismo passava pelas agruras de um sistema social em decadência, um mundo em que os reis ainda não tinham poder e as pessoas viviam de um lado para o outro sem saber o caminho a seguir. Paz, para Francisco, o de Assis, precisa receber outra conotação que não a que costumeiramente se usa. O que era paz para ele?

Vou buscar outro exemplo na figura de João Calvino, diante do problema contínuo de como atender aos refugiados que chegavam quase que diariamente na cidade de Genebra. Eram sem teto, sem emprego e sem condições para conseguir um serviço na cidade. Os refugiados logo descobriam que o pastor era o melhor amigo deles, embora o problema do alojamento fosse terrível, pois houve ocasiões em que chegaram mais de mil em um só ano, e todos em extrema pobreza. O problema do migrante já existia naquele tempo. Como ser um escritor no meio de tantas tarefas que exigiam a sua atenção constante como pastor? Como arranjar abrigo e serviço para os sem terra e sem emprego? O que era a paz para um homem assoberbado com o serviço? O que é a paz? Como viver em paz no meio dos problemas sociais?

Voltemos ao texto de João 14. A palavra paz precisa ser repensada com cuidado. Isso nos leva a buscar na filosofia grega o que se pensa sobre o assunto e encontraremos lá muito do que pensamos e sentimos. O movimento é sempre uma tragédia, a calma é sempre o desejado. A idéia dominante é de que tudo deve estar imóvel, a começar pela terra, parada, enquanto em cada dia nasce um sol pela manhã e morre à tarde. Esta imobilidade está relacionada com a paz, pois ela só existe quando nada precisa ser feito. Numa linguagem popular, quer-se sombra, água fresca e, se possível, uma rede. As pessoas se desesperam, pois existe tanta coisa a fazer e pouco tempo para realizá-la. Um dia de 24 horas é pouco. Eis uma das razões para o grande interesse pela programação e pela organização, seja do tempo, seja das atividades. O livro de Domenico de Mais, intitulado “O ócio criativo” levanta uma série de questões à respeito



do uso do tempo para quem não é escravo do trabalho. A paz está no movimento ou na imobilidade? Para Aristóteles, estava na imobilidade; para Copérnico, no movimento. Talvez um bom símbolo para o nosso tempo seja o móvel, quando fica no mesmo lugar mas não está parado. Pode oscilar de um lado para o outro, mas há um fio que o prende a algo fixo.

As águas paradas criam problemas. Mesmo as limpas, pois estas podem fazer surgir a dengue. As ondas do mar ou dos rios produzem vida. Leiamos com cuidado o salmo 29. Os verbos que são usados indicam sempre movimento: ouve-se a voz, troveja, quebra os cedros, salta, despede chamas de fogo, faz tremer o deserto, faz dar cria às corças, desnuda os bosques... E termina de um modo muito significativo: *O Senhor abençoa com paz ao seu povo* (Sl 29,11). A ação de Deus é percebida também num sentido negativo: *Vem a destruição; eles buscarão paz, mas não há nenhuma* (Ez 7,25).

Prestemos atenção na frase de Jesus registrada no texto de João: *“A minha paz vos dou”*. A ênfase vem sendo colocada na palavra paz. Será essa a melhor análise? Vale a pena frisar um pouco mais a quem pertence a paz e qual é o tipo de paz que ele dá. Pensamos no objeto e esquecemos o sujeito da frase. Isso está dentro do nosso mundo individualista, e ignorando todo o conceito de soberania divina. Lembremos que ele dá *não como o mundo a dá*. Ou, se quiserem outro texto: *“Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal* (Jo 17,15). A paz de Deus é dada no meio das confusões do mundo e não fora dele. Não existe a tal paz do convento, pois mesmo lá o mundo continua existindo. Um dos capítulos interessantes para se estudar dentro da história da Igreja é o movimento que levou milhares de homens e mulheres para se colocarem como eremitas, buscando escapar das dificuldades de seu tempo. Bento, de Núrsia, percebeu que o homem isolado não tem como se defender das dificuldades de cada dia e criou um sistema que estabeleceu ordem e ali se pensava que cada dia seria exatamente igual ao dia anterior e o amanhã seria a repetição do hoje. Humberto Ecco escreveu o romance *“O nome da rosa”* onde aparecem os dramas dentro do lugar que se esperava ser o de maior tranquilidade. O que é a paz?

Martinho Lutero, na época em que estava dentro do mosteiro dos agostinianos passou por um drama intenso, pois as penitências todas, exigidas e as voluntárias, não conseguiam acalmá-lo. A grande questão que enfrentava é que lia o mundo e sua própria vida pelos olhos de Santo Agostinho, quando este falava do pecado como estado, e não como Pelágio,



que falava de atos como sendo pecadores. Querer apagar os pecados de cada dia como se estes fossem os fundamentais é como querer apagar os sinais que o tempo deixou nas montanhas e no subsolo. Essa questão de conceituar pecado continua sendo chave até hoje. O pecado é um estado ou atos? Dependendo da resposta que se der, poderemos pensar de um modo ou de outro sobre o que é paz. Esse espiritualismo que busca atos para apagar erros chega sempre a um beco sem saída, pois sempre se tem a sensação de que estamos devendo.

Conclusão

Vamos ao ponto principal. A paz que Cristo deu e dá, foi e é a sua própria vida. A salvação não é obtida fugindo das dificuldades do mundo, mas tendo a certeza de que todas as coisas estão nas mãos do Pai. No grego clássico, a palavra paz é usada para descrever a cessação ou ausência de hostilidades entre grupos rivais. A palavra *shalom* foi traduzida na Septuaginta pela palavra “*eirênê*” e esta palavra está muito mais ligada ao conceito filosófico do que ao teológico. Infelizmente foi a idéia que predominou no mundo cristão, e estamos sempre querendo parar, cessar, ficar imóveis. Melhor será lembrar a frase de Jesus: *Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também* (Jo 5,17). A oração final do Apocalipse indica movimento: “*Aquele que dá testemunho destas coisas diz: certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus.*” (Ap 22,20).

Endereço do Autor:

Av. José Júlio de Souza, 1472
Apto. 1503 - Ed. Viña del Mar
Itaparica
29102-010 Vila Velha, ES